

REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA DE EVA PERÓN

CLÍMACO, Adriana Ortega. (UFRJ, IFSP)

Introdução

A ideia da infância e o tratamento dispensado às crianças passaram por transformações ao longo do tempo. Em linhas gerais, a infância tornou-se alvo de mais atenção no século XX, como relata Ariès (1986). O afeto dos adultos de uma família por suas crianças construiu-se socialmente ao longo dos anos. Se antes o indivíduo não era considerado até que se tornasse adulto, hoje a criança ocupa papel central em muitas famílias, com os pais vivendo e trabalhando para garantir-lhes bem-estar presente e futuro.

Nos estudos literários, o tema da infância passou a receber um olhar mais detido nas últimas décadas, acompanhando a transformação social mencionada anteriormente. Portanto, a reflexão que se propõe no presente trabalho é pertinente, pois se dedica a discutir a representação da infância de uma personagem histórica, María Eva Duarte de Perón (1919-1952), esposa de Juan Domingo Perón (18958-1974), que presidiu a Argentina de 1946 a 1955, e depois, de 1973 a 1974, sendo um dos mais populares presidentes argentinos graças ao seu programa de governo que buscou atender reivindicações dos trabalhadores, e também um dos mais polêmicos, segundo alguns, devido ao seu personalismo. Seu envolvimento na vida política argentina deu nome a um movimento, o peronismo, e o partido que organizou, Partido Justicialista, ainda hoje é muito forte no país, embora com várias e distintas correntes de pensamento.

Eva Perón, ou Evita, como a chamavam seus *descamisados*, seus *grasitas*,¹ tornou-se uma figura emblemática do peronismo. Seu programa de distribuição de donativos aos carentes como forma de justiça social e não de caridade, distinguiu-a em relação a outras formas de tratar o problema social da má distribuição de renda, embora sem chegar a solucioná-lo, já que, para tal, demandaria outros esforços de grande parcela da sociedade argentina.

Há extensa produção sobre Eva Perón, de variadas formas e matizes. Este trabalho atém-se ao romance *Santa Evita* (1995), de Tomás Eloy Martínez, à biografia *Eva Perón: la biografía* (2002), de Alicia Dujovne Ortiz, e à autobiografia de Evita, *La razón de mi vida* (1951). Afirma-se, correntemente, que tal autobiografia não teria sido escrita por Eva Perón e sim por um jornalista a partir de entrevistas. Em todo caso, importa aqui observar a construção de si mesma efetuada por Evita, visto que o material foi editado e publicado com seu aval, tendo ela assumido sua autoria e a responsabilidade pelo ali exposto, concordando, portanto, com a visão de si elaborada no livro.

Este trabalho divide-se em duas partes: a primeira trata da representação da infância de Eva Perón na literatura, como elemento constituinte da construção do mito de Evita; já a segunda discute o relato autobiográfico de Eva Perón, vinculando a

¹ Segundo o *Diccionario del habla de los argentinos* (2008), o adjetivo coloquial depreciativo *grasa* refere-se ao que expressa ou manifesta vulgaridade. O que se conclui, portanto, é que ao empregá-lo no diminutivo, Evita estabelecia uma relação de carinho com os trabalhadores pobres, considerados vulgares pelas classes alta e média.

construção de si ao projeto peronista de governo. Cabe ressaltar que as observações aqui realizadas não pretendem esgotar o assunto.

1. Representação da infância de Eva Perón na literatura: reelaboração do mito de Evita

Como exemplo da representação da infância de Eva Perón na literatura, toma-se o romance *Santa Evita* (1995) e *Eva Perón: la biografía* (2002), de Alicia Dujovne Ortiz.

Em *Santa Evita*, vários gêneros são mesclados para compor a narrativa do mito de Evita. São esmiuçados eventos e circunstâncias de sua biografia, com especial destaque para o sequestro e a ocultação de seu cadáver embalsamado, discutindo-se, metafictionalmente, a elaboração do romance e do próprio mito de Evita.

Dentre os eventos biográficos narrados, estão aqueles relacionados à infância de Eva Perón: suas origens, vida em família, dificuldades pelas quais passou e como as venceu. Tais eventos são reconstituídos, principalmente, como memórias de sua mãe, Juana Ibarguren.

Sobre as origens de Eva Perón, o narrador em *Santa Evita*, homônimo do autor, Tomás Eloy Martínez, destaca que veio de “baixo”: pobre, filha natural e atriz medíocre que, ao começar a atuar, era “una joven de facciones tristonas y busto escuálido” (MARTÍNEZ, 1995, p. 82). Entretanto, rapidamente, após conhecer Perón, transformouse e, algum tempo depois, já era uma mulher forte que “tenía la mirada llena de cicatrices y hablaba con voz imperativa” (MARTÍNEZ, 1995, p. 84).

Observa-se na narrativa a construção de sua origem como determinante em sua trajetória e atuação, visto que:

[...] Pensava em solucionar os problemas mais elementares da classe baixa (trabalho, casa, saúde) talvez porque ela mesma não teve estas coisas. Pensava na justiça social, porque talvez ela própria tenha sido humilhada pelas senhoras das entidades de caridade. Presenteava as crianças com brinquedos, porque quiçá ela mesma não os teve na infância. Queria desesperadamente ser atriz, porque não tinha voz. Tratava o povo como provavelmente gostaria que a tivessem tratado. Sua origem a define; se não fosse pobre e ilegítima, provavelmente não conheceria tão bem os *grasitas*. (CLÍMACO, 2014, p. 77).

A partir dos registros feitos pelo Coronel Moori Koenig, um dos personagens centrais em *Santa Evita*, responsável pela operação de sequestro do cadáver de Evita, o romance relata a confusão quanto aos dados referentes ao nascimento de Eva Perón. Esta teria nascido em 7 de maio de 1919, em Los Toldos, e recebido o nome de María Eva Ibarguren. No entanto, na certidão de casamento com Perón é nomeada como María Eva Duarte, nascida em Junín, em 7 de maio de 1922.

Questionam-se no romance os motivos que a teriam levado a efetuar essas alterações em seu registro de nascimento, e se conclui que teriam sido efetuadas porque Eva e Perón agiam como romancistas e atores que elaboravam e encenavam representações de si mesmos:

El casamento no es falso pero casi todo lo que dice el acta sí lo es, de principio a fin. En el momento más solemne e histórico de sus vidas, los contrayentes – así se decía entonces – decidieron burlarse olímpicamente de la historia. Perón mintió el lugar de la ceremonia y el estado civil; Evita mintió la edad, el domicilio, la ciudad donde había nacido. Eran imposturas

evidentes, pero pasaron veinte años antes de que alguien las denunciara. En 1974, sin embargo, el biógrafo Enrique Pavón Pereyra las declaró verdaderas en su obra *Perón, el hombre del destino*. Otros historiadores se conforman con transcribir el acta y no discuten su falsía. A ninguno se le ocurrió, sin embargo, preguntarse por qué Perón y Evita mentían. No necesitaban hacerlo. ¿Evita se añadió tres años para que el novio no le doblara la edad? ¿Perón se fingió soltero por pudor de ser viudo? ¿Evita imaginó que había nacido en Junín porque era hija ilegítima en Los Toldos? Esos detalles nimios ya no les inquietaban. Mintieron porque habían dejado de discernir entre mentira y verdad, y porque ambos, actores consumados, empezaban a representarse a sí mismos en otros papeles. Mintieron porque habían decidido que la realidad sería, desde entonces, lo que ellos quisieran. Actuaron como actúan los novelistas. (MARTÍNEZ, 1995, p. 143).

Segundo o historiador Felipe Pigna (2012, p. 16), a certidão de nascimento que originou a de casamento era falsa e a original, que constava no Registro Civil de General Viamonte, havia sido destruída. Com a adulteração pretendia-se reparar sua condição de filha natural. Seu pai, Juan Duarte, não era casado com sua mãe, Juana Ibarguren e, embora tenha registrado os outros quatro filhos que teve com ela, não quis reconhecer a última, María Eva, por isso esta recebeu apenas o nome da mãe. Além do nome Duarte, a data de nascimento foi alterada para que se pudesse afirmar que seus pais haviam sido casados, já que, em 1922, Duarte havia se tornado viúvo.

Não ter o reconhecimento do pai marcaria profundamente *Cholita*, como era carinhosamente chamada Eva em sua família (PIGNA, 2012, p. 15). Como filha natural, María Eva Ibarguren sofria discriminação. Na reconstrução de suas origens, portanto, Eva Perón tem sua certidão de nascimento alterada, resolvendo, ainda que fictícia e ilusoriamente, a questão de sua paternidade.

Em *Santa Evita*, a narração dos primeiros anos de Eva Perón dá-se a partir do relato memorialístico de sua mãe, Juana Ibarguren. Segundo o narrador do romance, as memórias de Juana, compiladas pelo Coronel Moori Koenig, são relatadas em meio à angústia de não saber onde está seu corpo. Embora tenha peregrinado em busca de informações, como tantas outras mães durante a ditadura que viria anos depois, Juana falece antes que o cadáver de Evita retorne à Argentina.

Juana Ibarguren conta como as visitas do pai, Juan Duarte, foram escasseando, sua indiferença e recusa em reconhecer Eva como filha: “A Evita la veía tan poco que si la hubiera cruzado en medio del campo no la habría reconocido” (MARTÍNEZ, 1995, p. 367). Este fato é também mencionado no romance através das anotações das investigações realizadas pelo Coronel Moori Koenig:

Todos, salvo la última, fueron reconocidos por el padre. Cuatro meses después del nacimiento de Eva María, Juan Duarte se marchó de Los Toldos para siempre. Visitó una o dos veces a los bastardos, pero con impaciencia, distraído, ansioso por desaparecer de su pasado. (MARTÍNEZ, 1995, p. 136).

Além do rareamento das visitas paternas, Juana lembra um acidente sofrido por Evita quando tinha apenas quatro anos de idade. Esse acidente poderia tê-la desfigurado completamente: o azeite fervente cai sobre seu rosto quando mexe numa frigideira no fogão. Durante a cicatrização, seu rosto ficou coberto de crostas que tentava arrancar, mas sua mãe, para impedi-la, amarrou suas mãos. Quando as crostas caíram, Evita não tinha cicatrizes:

En vez de la cicatrices le asomó esa piel fina, traslúcida, de alabastro, de la que tantos hombres se iban a enamorar más tarde. No le quedó una estría ni una mancha. Pero ningún milagro es impune. Evita debió pagar su salvación con otros insultos de la vida, otros engaños, otras desdichas. (MARTÍNEZ, 1995, p. 369).

Observa-se, nesse fragmento, a atribuição da beleza de seu rosto adulto a um evento doloroso e traumático. O acaso ou a tenacidade de sua mãe ao impedi-la de tocar o rosto enquanto cicatrizava fez com que sua aparência ficasse ainda melhor. A menção aos homens que atraiu revela esse movimento de narrar o passado sempre a partir do presente, ou tendo em conta o presente, como se buscasse, ao rememorar o passado, uma explicação para o presente. Da mesma forma, a concepção de que as penas que sofreu, as dificuldades pelas quais passou, ocorreram em consequência de haver recebido a dádiva da beleza. Somente é possível fazer tais conjecturas observando o presente. O que permite à mãe de Evita fazer esse tipo de relação é que esta é feita com a segurança da totalidade da vida. Evita está morta, e morreu jovem, pouco tempo depois de haver alcançado tanta influência na condução do país, tendo passado por dores e sofrimento. Isso possibilita à sua mãe tentar encontrar uma explicação ou algo que indicasse seu destino. É comum que isso aconteça com figuras públicas que se destacaram positiva ou negativamente: busca-se em suas origens algum indício de seu destino.

Sobre a morte de Juan Duarte, Juana recorda que os outros filhos sentiram o falecimento do pai, mas Evita não, “Ella jugaba, indiferente” (MARTÍNEZ, 1995, p. 370). Contrariando a família de Juan e a expectativa social de ocultação da concubina, Juana comparece ao velório, para que os filhos pudessem se despedir do pai:

Evita no alcanzaba a ver el cuerpo y tuve que levantarla en brazos. Cuando la acerqué al ataúd, advertí que tenía los labios apretados y la mirada desierta. “Tu papá”, le dije. Ella se volvió hacia mí y me abrazó sin expresión, sólo porque debía abrazar a alguien y no quería tocar aquellos despojos de un desconocido. (MARTÍNEZ, 1995, p. 374).

A indiferença da pequena Eva é facilmente explicável pelo fato de Juan Duarte ser praticamente um estranho a ela, com quem pouco teve contato.

A figura de infância que se explora no romance é a da criança bastarda. Sua origem ilegítima associada à pobreza em que viveu, na infância e até tornar-se atriz de sucesso, funcionam como modeladores de seu caráter e de sua atuação política. A narrativa de tais eventos, portanto, visaria a apresentar o quanto Evita era excepcional.

Não há memória autobiográfica de Evita no romance. A única menção que a própria faz é do momento em que abandona a infância. Em uma conversa com sua mãe, relê uma carta que enviou a Perón desde Madrid, quando ali estava em viagem oficial: “Salí de Junín cuando tenía trece años, y a esa edad, ¿qué puede hacer de horrible una pobre muchacha?” (MARTÍNEZ, 1995, p. 44). Evita temia que, estando distante, Perón acreditasse em boatos. Verifica-se nessa carta a preocupação em fazer as datas conferirem: diz que saiu aos treze anos (em 1935), logo, de acordo com a certidão de nascimento forjada. Isto demonstra a construção da personagem como consciente da elaboração de sua própria imagem e do quanto esta carta, naquele momento privada, poderia tornar-se pública.

Em *Eva Perón: la biografía* (2002), o capítulo inicial é inteiramente dedicado à infância de Evita. O título do capítulo é *Ilegítima*, revelando que esta é a principal

marca de sua infância. Como pretende constituir-se como texto de gênero biográfico, embora possua vários elementos ficcionais como, por exemplo, o narrador onisciente e a revelação de pensamentos, essa obra preocupa-se em detalhar mais os eventos, se comparada à *Santa Evita*, que os embaralha.

Evita é descrita como criança pobre que, embora vestida com uniforme idêntico aos das crianças mais abastadas, delas se diferenciava pelas alpargatas e que sofria discriminação por serem ilegítimos: “Vos no sos Duarte, sos Iburguren”, escreveram um dia no quadro negro para que sua irmã, Erminda, visse “las palabras que le daban más miedo en el mundo” (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 16).

Apresenta-se na biografia, igualmente, a ideia de que as ações de Evita adulta são respostas a sua infância: somente como criança abandonada poderia reconhecer outros e ver as marcas de sofrimento nos corpos dos seus *descamisados*: “¿Cómo no haberlas visto si su próprio cuerpo infantil estaba marcado a fuego por esos mismos signos, facilmente reconocibles? (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 18).

Juana, sua mãe, após ser abandonada por Juan Duarte, teve de sustentar seus filhos costurando numa máquina *Singer*: “Pasaba tantas horas sentada ante su máquina que le explotaron las venas de las piernas.” (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 24). Mais tarde, a Fundação Eva Perón faria da máquina de costura um símbolo de emancipação econômica feminina.

Um episódio marcante na narrativa é o desejo da menina Eva de ter uma boneca. Sua mãe tenta comprá-la, mas custa caro. Encontra uma boneca com a perna quebrada, com o preço mais acessível devido ao defeito, e a compra. Na Noite de Reis, a dá para Evita e revela imaginação ao dizer que havia caído do camelo e, por isso, quebrou a perna: “Al oír estas palabras Evita estrechó con fuerza a la muñeca rota, a la que algo le faltaba...” (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 29).

Dujovne Ortiz cita Juan José Sebrelli para explicar a dupla pertença de Evita (p. 29) que descendia de estancieiros, por um lado, e de despossuídos, por outro, capaz, portanto, de transitar, no futuro, entre as duas esferas.

Sobre seu temperamento difícil, também há menção: Evita era tida, desde criança, como doce e, ao mesmo tempo, mandona (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 45). O relato também se faz a partir do conhecimento do presente, obviamente, porque é a vida extraordinária que faz jus a ser biografada:

Tierna y autoritaria, con sus ojos soñadores y penetrantes y sus gestos bruscos y serenos, ¿cuántas letanías de términos opuestos no iría a desencadenar más adelante? Santa y prostituta, “aventura y militante”, hada y mártir, el “mito blanco” y el “mito negro” ((DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 40).

Seu inconformismo com sua condição é ressaltado. Isso só é possível apontar porque sua condição social mudou na fase adulta. É o presente marcando o modo de narrar o passado.

Destaca-se, também, seu talento para a declamação, e, uma vez mais, a narrativa relaciona circunstâncias passadas à atuação política futura:

En el colegio Evita solía ser la peor alumna en matemática y la mejor en declamación. Y seguía esperando los días de lluvia (...) porque esos días raleaban los alumnos y su maestra, Palmira Repetto, la dejaba ir de clase en clase recitando poesías. (Evita ni de adulta pudo decir “poema”. Decía “poesías” o “versos”. Y la gente culta se burlaba, porque ella no poseía las

claves del lenguaje capaces de ubicarla entre los elegidos.) (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 41).

A autora destaca que embora Eva tivesse “dicção atroz” (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 42), sua vontade de declamar era grande, e vê nisto a origem de uma ação política posterior:

El lenguaje y la tierra (no la huerta, la estancia) son bienes de nacimiento. Al acceder a la gloria Evita, que había carecido de ambos, pensó en las otras desposeídas y ordenó que se dictasen cursos de elocuencia a sus “muchachas peronistas”, nacidas, como ella, con faltas de dicción. (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 42).

Mesmo o corpo magro adulto de Evita, Dujovne Ortiz atribui a uma reação ao corpo obeso de sua mãe. Para a autora, Evita recusava comer desde criança (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 43).

O conflito familiar que se estabelece quando Eva manifesta o desejo de ser atriz e, conseqüentemente, ir para Buenos Aires, é abordado uma vez mais apontando para seu futuro ou deste partindo em direção ao passado. Apesar da dúvida, Juana decide arriscar e lhe permite partir:

A los catorce años, su madre no había tenido tiempo de entrever su destino, demasiado bien delineado en la mente de su propia madre, y se sentía traicionada (...). Así que vacilaba: ¿y si la menorcita, después de todo, tuviera condiciones? (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 44).

De modo perspicaz, a autora pergunta se não seria “memoria del futuro” a voz de Eva ressoando sobre a cidade quando falava no alto falante de uma loja de artigos musicais (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 44).

Mais uma dificuldade enfrentada forja seu caráter: a violência sexual. Na adolescência, Eva e uma amiga aceitam o convite de dois rapazes de classe social mais elevada, distinguidos pela narradora como “jóvenes de dos apellidos” (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 48), para irem a Mar del Plata. Ingenuamente, aceitam. No caminho, são violentadas e abandonadas. Afirma o relato biográfico que, no futuro, Evita vingou-se deles (DUJOVNE ORTIZ, 2002, p. 46).

Segundo a biografia, Eva parte para Buenos Aires em 2 de janeiro de 1935, aos quinze anos, sua idade real de acordo com a original certidão de nascimento (1919). Encerra-se assim o capítulo sobre sua infância.

Em *Eva Perón: la biografía*, bem como em *Santa Evita*, os eventos narrados são rememorados a partir do presente, buscando-se na infância de Eva Perón as origens de sua excepcionalidade, por isso, frequentemente, é apontada imediatamente após a narração de algum fato do passado, uma situação de sua vida adulta, relacionando-os numa cadeia de causa e efeito.

2. Relato autobiográfico da infância de Eva Perón: construção de si vinculada ao projeto político peronista

Considerando-se que as narrativas constituem os sujeitos e que isto se dá, principalmente, na reelaboração de experiências passadas, como apontado por Arfurch (2013, p. 76), a imagem de Evita constrói-se em seus relatos autobiográficos. Sua

memória opera como produtora de explicações para seu comportamento adulto, ou como fontes documentais de sua existência histórica.

No peronismo, Evita cumpria um papel emblemático de luta contra as injustiças sociais. Ao relatar sua infância, Evita assenta as origens de tal luta em si mesma. Não é difícil imaginar que tenha sofrido com as privações que sofreu em criança. Entretanto, ao rememorar-las adulta e as relacionar à sua vida pública, realiza uma construção de si condizente com o projeto político peronista. Constrói a imagem de alguém que tenta solucionar os problemas que enfrentou, porque reconhece que são comuns à grande parcela da sociedade argentina, aproximando-se, assim, dos pobres, dos trabalhadores humildes, daqueles que eram alvo de sua ação política, como alguém que “veio de baixo” e que, devido a essa condição, é capaz de compreendê-los e trabalhar para suprir suas necessidades.

O peso do testemunho pessoal, memorialístico, estabelece um efeito de realidade (BARTHES, 1970, p. 95): é o detalhe, a confissão íntima, o coração aberto revelando-se. Em *La razón de mi vida* (1951), Eva Perón apresenta-se de forma clara, facilmente compreensível, visando atingir grande parcela da sociedade. Esse livro foi tornado leitura obrigatória para estudantes, segundo a Lei Nacional 14.126 - Decreto 2915/15952.

No relato das memórias de Eva Perón, estão as origens de sua vocação artística e de seu ódio pelas injustiças sociais. Afirma que sempre quis declamar, como se fosse dotada de um pendor natural, e que na escola teve oportunidade de se iniciar na vida artística: “Recordaba que, siendo una chiquilla, siempre deseaba declamar. Era como si quisiese decir siempre algo a los demás, algo grande, que yo sentía en lo más hondo de mi corazón.” (PERÓN, 1951, p. 22). Com tal vocação, era esperado que saísse de sua localidade para a cidade grande.

Eva configura um imaginário sobre a cidade a partir da visão da criança pobre do interior. Aos sete anos de idade, visita Buenos Aires pela primeira vez e se desilude ao verificar a existência da pobreza também lá, pois acreditava que, na cidade, só havia riqueza. Compara a tristeza que sentiu ao constatar ali a pobreza com a que sentiu ao perder a ilusão infantil sobre os Reis Magos:

Un día – habría cumplido ya los siete años – visité la ciudad por vez primera. Llegando a ella descubrí que no era cuanto yo había imaginado. De entrada vi sus barrios de “misericordia”, y por sus calles y sus casas supe que en la ciudad también había pobres y que había ricos. (PERÓN, 1951, P. 24).

Em seu relato, Eva Perón estabelece a relação entre passado e presente, o que comprova o afirmado aqui neste trabalho sobre a construção de suas origens:

Aquella comprobación debió dolerme hondamente porque cada vez que de regreso de mis viajes al interior del país llevo a la ciudad me acuerdo de aquel primer encuentro con su grandeza y su miseria; y vuelvo a experimentar la sensación de íntima tristeza que tuve entonces. (PERÓN, 1951, p. 25).

Observa-se que a memória é construída a partir do presente. Recurso semelhante foi empregado, em *Santa Evita*, ao elaborar as recordações de sua mãe como personagem do romance, que recuperou eventos do passado a partir de seu presente, tendo em vista a existência completa de Evita. Em *La razón de mi vida*, Evita narra sua infância tendo em mente quem é e o papel que desempenha:

He tenido que remontarme hacia atrás en el curso de mi vida para hallar la primera razón de todo lo que ahora me está ocurriendo. (PERÓN, 1951, p. 15).

... tuve que ir a buscar, en mis primeros años, los primeros sentimientos que hacen razonable, o por lo menos explicable ... (PERÓN, 1951, p. 16).

He hallado en mi corazón un sentimiento fundamental que domina desde allí, en forma total, mi espíritu y mi vida: ese sentimiento es mi *indignación frente a la injusticia*. (PERÓN, 1951, p. 16).

Ao mencionar sua vocação artística desde a infância, também a recupera a partir do presente e a relaciona aos discursos que proferia às multidões: “¡Cuando ahora hablo a los hombres y mujeres de mi pueblo siento que estoy expresando “aquello” que intentaba decir cuando declamaba en las fiestas de mi escuela!” (PERÓN, 1951, p. 22). Sua experiência passada contribuiu para seu bom desempenho ao dirigir-se às massas.

Para justificar o tratamento dispensado às crianças no peronismo que as considerava “as únicas privilegiadas” (PERÓN, 1951, p. 205), Evita narra o modo como experimentou a pobreza na infância, a carência e a percepção da divisão social e da má distribuição de renda. Afirma que desde que se pode recordar sempre sentiu doer a injustiça e como isto a afetou: “De cada edad guardo el recuerdo de alguna injusticia que me sublevó desgarrándome íntimamente.” (PERÓN, 1951, p. 16).

Relata que adquiriu na infância consciência da diferença de classes, da desigualdade social e que sempre pensava nisso. De modo engenhoso, escapa da possibilidade de ser desmentida ao afirmar que era frequente pensar nesse assunto, embora acredite que nunca o havia comentado com outras pessoas, nem sequer sua mãe (PERÓN, 1951, p. 17).

Preocupando-se em expressar algo com exatidão temporal, o que aumenta o efeito de historicidade, ou seja, leva o leitor a receber como se de fato houvesse acontecido, assumindo, portanto, como real tal informação (CLÍMACO, 2012, p. 123), menciona idade exata ao afirmar que, aos onze anos de idade, aprendeu que a existência de pobres deve-se à existência de ricos (em que pese todo o simplismo e reducionismo que se possa apontar), quando ouviu tal afirmação da boca de um adulto. Manifesta sua inclinação em acreditar mais na sinceridade, franqueza e bondade dos pobres que dos ricos (PERÓN, 1951, p. 18), mas não aprofunda a questão.

Desnaturaliza a pobreza e a riqueza, apontando-se como diferente de grande parte da população que, geralmente consideravam-nas naturais, conformando-se. Ela seria, portanto, desde a infância, uma indignada:

Ahora pienso que la gente se acostumbra a la injusticia social en los primeros años de la vida. Hasta los pobres creen que la miséria que padecen es natural y lógica. Se acostumbran a verla o a sufrirla como es posible acostumbrarse a un veneno poderoso.

Yo no pude acostumbrarme al veneno y nunca, desde los once años, me pareció natural y lógica la injusticia social. (PERÓN, 1951, p. 19).

É possível afirmar que um dos objetivos do peronismo, ao tornar *La razón de mi vida* leitura obrigatória pelos estudantes, era a formação política do cidadão desde a infância, forjando uma consciência de classe trabalhadora, entretanto muito relacionada ao personalismo de Perón.

Eva Perón segue na afirmação de sua natureza indignada: “(...) Ha nacido conmigo, una particular disposición del espíritu que me hace sentir la injusticia de manera especial, con una rara y dolorosa intensidad.” (PERÓN, 1951, p. 20) e que essa característica de sua personalidade é força motriz para suas ações. No entanto, revela-se surpresa ao mencionar que nunca havia pensado que teria participação direta na luta por justiça social (PERÓN, 1951, p. 21).

A ideia de um destino a cumprir permeia toda a autobiografia, mas há um capítulo especialmente dedicado a esse tema, o capítulo X, “Vocación y Destino”. Já no parágrafo inicial temos a afirmação de sua vocação, manifestando caráter personalista: “No, no fue el azar la causa de todo esto que soy, en mi país y para mi Pueblo. Creo firmemente que he sido forjada para el trabajo que realizo y la vida que llevo.” (PERÓN, 1951, p. 49).

A afirmação de seu próprio destino manifesto explica porque se interessou por políticas como a da infância, por exemplo, que consistia em mobilizar crianças e adolescentes, através de sucessivos eventos com grande visibilidade pública, nos quais havia distribuição de brinquedos, bolsas de estudos, etc.; e de diversos dispositivos institucionais que objetivavam reparar e recompor as desigualdades sociais que teriam afetado diversas gerações para, assim, chegar a construir outro tipo de reprodução social e política (PANELLA, 2011, p. 65). O objetivo era a formação integral do cidadão desde a infância. Ganhando-se a criança, ganhavam-se as futuras gerações.

Dentre as várias atividades concernentes à política da infância, criaram-se locais como a República das Crianças e o Mundo da Infância, projetos que tinham em comum o fato de serem instituições educativas mais que lugares de diversão. Colocou-se em prática uma pedagogia baseada no jogo como via de aprendizagem (PANELLA, 2011, p. 77). Tudo voltado, exclusivamente, para atender às crianças pobres.

Segundo Bustelo (2007, p. 23), a família, a escola e os meios de comunicação são as três instituições que deixam marcas no desenvolvimento da infância e da adolescência. O peronismo percebeu isto e atuou com políticas públicas de acolhimento e formação infantil.

Quando a Fundação Eva Perón, criada em 1948, fazia doação a uma determinada família, o impacto era sentido por todos os seus integrantes: colchões, máquinas de costura, casas, etc., geravam gratidão e, em muitos, paixão por Evita.

Distribuir brinquedos, fazer com que as crianças brincassem, revela um aspecto de vanguarda no tratamento da infância pelo peronismo, além da compreensão de que, ao jogar, repetidas vezes, a criança encena a vida em sociedade, estabelecendo padrões possíveis de comportamentos e hábitos futuros, como observou Benjamin (2002): “Pois é o jogo, e nada mais, que dá luz a todo hábito”.

Com o ideal declarado de substituir a ideia de beneficência pela de “justiça social”, a Fundação Eva Perón dedicou-se a dar assistência econômica e social aos mais pobres, às mães solteiras e aos idosos, e configurou um novo ator social: a criança. As crianças passam a ser “un verdadero ejército reserva del peronismo, munidos de juguetes que se convertirían en callados resortes del proyecto político nacional.” (PASCUTTI, 2008, p. 22).

A quantidade de brinquedos distribuídos foi inédita:

Hasta 1954, se repartieron en cada período de fiestas navideñas entre dos y tres millones de juguetes, según los registros de la revista *Juguetes*, editada en esa década por la pujante Cámara Argentina de la Industria del Jugete.

“Una cifra enorme si se tiene en cuenta que la población infantil era de cuatro millones y medio de niños”, acota la licenciada en Ciencias de la Educación Daniela Pelegrinelli, quien investigó el lazo que ligó en esos años al Estado con la infancia. (PASCUTTI, 2008, p. 22).

Criou-se a ideia de que os brinquedos eram necessários ao bem-estar infantil e que era um direito das crianças possuí-los. A questão infantil foi assim politizada. As crianças tornam-se objeto de políticas públicas. Distribuir brinquedos era considerado obrigação do Estado (PASCUTTI, 2008, p. 22).

Segundo Daniela Pelegrinelli, antes do peronismo, a maioria dos brinquedos na Argentina eram importados. As crianças, praticamente, não possuíam brinquedos, porque esses não eram considerados necessários, nem havia meios de comercializá-los. Para mudar isso, são conjugados vários elementos: substituição das importações; incremento de fábricas de brinquedos nacionais, e a divulgação de teorias pedagógicas e psicológicas que apontavam a importância dos brinquedos. Como passam ao cotidiano, os brinquedos tornam-se desejados e

fue sobre una nueva expectativa que se anclaron las políticas de reparto masivo propiciadas por el gobierno peronista, y también lo que tomó tan reparador ese reparto. La industria juguetera se consolidó gracias a esa fuente de recursos que se renovaba cada año, y los niños establecieron a través del juguete recibido un vínculo directo con el Estado. (PELEGRINELLI, apud PASCUTTI, 2008, p. 28).

As crianças são tomadas como sujeitos políticos e o brinquedo passa a ser um símbolo da relação inédita entre Estado e infância. Conclui Pelegrinelli (apud PASCUTTI, 2008, p. 28) que, atualmente, as crianças não são sujeitos de políticas públicas e sim de um mercado para o qual são apenas fontes de recursos.

É interessante observar que embora em várias memórias autobiográficas da infância grande importância seja dada ao espaço, como observou Pozuelo Yvancos (2006, p. 112), que o chamou veículo configurador da memória autobiográfica infantil, no caso aqui analisado, o que faz essa configuração da memória de Eva Perón parece ser a reafirmação constante de sua vocação, seu destino manifesto, sua aptidão adquirida ou aprimorada pelo que sofreu na infância e ao longo da vida, as características marcantes que manifestou em sua participação política que, nela, teriam surgido ainda na infância. É a tentativa de assentar origens, de explicar seu papel de destaque político.

Reafirma-se, neste trabalho, o relato memorialístico autobiográfico de Evita relacionado ao seu envolvimento na vida pública argentina, como sua narrativa constrói sua imagem de “Bem-feitora da Nação” e “Porta Voz dos Humildes”, assentando em sua infância as bases de sua indignação contra as injustiças sociais tendo sido seu caráter forjado pelo que sofreu.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, buscou-se refletir brevemente sobre a representação da infância de María Eva Duarte de Perón na literatura, através da análise de *Santa Evita* e *Eva Perón: la biografía*, escritos, respectivamente, por Tomás Eloy Martínez e Alicia Dujovne Ortiz; e no relato autobiográfico *La razón de mi vida*.

Embora as três obras possuam gêneros diferentes, seguem a mesma linha de representação da infância de Evita, pois buscam no passado explicações de seu

comportamento adulto. Dessa forma, a infância seria o local onde se originaram as preocupações, interesses e ideias que impulsionaram políticas públicas.

Referências Bibliográficas

ACADEMIA ARGENTINA DE LETRAS. *Diccionario del habla de los argentinos: segunda edición corregida y aumentada*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2008.

ARFURCH, Leonor. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 2013.

ARIÈS, Philippe. *História social da família e da criança*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARTHES, Roland. “El efecto de realidad”. In: BARTHES, Roland; et al. *Lo verosímil*. Comunicaciones 11. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970. P. 95-101.

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico)

BUSTELO, Eduardo. *El recreo de la infancia*. Argumentos para otro comienzo. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2007.

CLÍMACO, Adriana O. *História e ficção em Santa Evita*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

DUJOVNE ORTIZ, Alicia. *Eva Perón: la biografía*. Buenos Aires: Suma de Letras Argentina, 2002.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. Buenos Aires: Planeta, 1995.

PANELLA, Claudio (Comp.). *La República de los niños: un aporte bonaerense a la Nueva Argentina*. La Plata: Instituto Cultural de la Provincia de Buenos Aires, 2011.

PASCUTTI, Ximena. “Los únicos privilegiados”. In: *Rumbos*. Año 5. Número 251. 15 de junio de 2008.

PERÓN, Eva. *La razón de mi vida*. Buenos Aires: Peuser, 1951.

PIGNA, Felipe.; GARCÍA HAMILTON, José I.; O’ DONNELL, Pacho. “Eva Duarte de Perón”. In: *Historia confidencial*. Buenos Aires, Planeta, 2006.

_____. *Evita: jirones de su vida*. Buenos Aires: Planeta, 2012.

POZUELO YVANCOS, José María. *De la Autobiografía: Teoría y estilos*. Barcelona, Editorial Crítica, 2006.

Autora:

Doutoranda em Letras Neolatinas, Literaturas Hispânicas (UFRJ), Mestre em Letras Neolatinas, Literaturas Hispânicas (UFRJ), Especialista em Língua Espanhola Instrumental para Leitura (UERJ), Graduada em Letras (UERJ) e História (UFRJ). Professora de Língua Espanhola e Língua Portuguesa no Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Jacareí). Realiza pesquisa sobre ficção e história.

Contato: ortegaclimaco@gmail.com